



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Scotti, Sérgio

Culpa e gozo, psicanálise e literatura

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 1, 2003, pp. 217-221

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816122>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Culpa e Gozo, Psicanálise e Literatura

Sérgio Scotti<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

---

### Resumo

Neste artigo faz-se uma releitura do conhecido trabalho de Freud, *Dostoyevski e o parricídio* (1927), a partir da articulação que realiza Lacan sobre a culpa em seu Seminário V, *As formações do inconsciente*. A suposta epilepsia de Dostoyevski, acometido, é questionada por Freud que entende os “ataques” do escritor russo como resultado de uma identificação histerica com o pai morto. Implicada nesta interpretação, está a questão da culpa pelo assassinato do pai. Como interpretação freudiana a partir da formulação lacaniana de que, uma demanda de morte endereçada ao próprio sujeito. Ao final do artigo discute-se a culpa na histeria e na obsessão, propondo-se também uma leitura de estilo que perpassa tanto a criação literária quanto o diagnóstico clínico.

*Palavras-chave:* Culpa; gozo; psicanálise; literatura.

### Guilt and Enjoyment, Psychoanalysis and Literature

### Abstract

In this article, a re-reading of the well-known work by Freud, *Dostoyevski and parricide* (1927) is carried out from the articulation that Lacan makes in his Seminar V, *The formations of the unconscious*. The presumed epilepsy of Dostoyevski might have suffered, is questioned by Freud who understands the “attacks” of the Russian writer as a result of a hysterical identification with his dead father. In this interpretation, the issue of the guilt for the father's death is implicated. However, it is possible to re-read Freud's interpretation from Lacan's argument that a death claim addressed to the subject himself. The end of the article discusses guilt in hysteria and obsession, proposing a reading of style that has to do with the literary creation as well as the clinical diagnosis.

*Keywords:* Guilt; enjoyment; psychoanalysis; literature.

Neste artigo pretende-se realizar uma releitura do conhecido trabalho de Freud (1928/1973), “Dostoyevski e o parricídio”, a partir da articulação que realiza Lacan (1957-1958/1999) sobre a culpa, em seu Seminário V, “As formações do inconsciente”.<sup>2</sup>

No texto freudiano, encontramos a culpa inconsciente, pelo desejo de morte dirigido à figura paterna, como a causa dos acessos histeroepiléticos de Dostoyevski, interpretados como um auto-castigo que o literato impingia a si mesmo através de sua identificação ao pai morto. Ao mesmo tempo, através dessa identificação, encontrava a oportunidade de realização de seu desejo incestuoso. Aqui, onde a identificação tem a dupla função

de morte” que eram considerados mais aparente, como ataques epilépticos, convulsões musculares, ataques de consciência, seguidos de profundos estados de exaustão (Freud, 1928/1973, p. 3005).<sup>3</sup> Nesse ponto, a epilepsia como um mal do qual Dostoyevski como manifestação do escritor russo pudesse ser classificada então, como “epiléptica”.

Os ataques do escritor são provenientes de identificação com o caso, o próprio pai de Dostoyevski encaixar no conflito imaginário

de compreensão de certas situações expressas em suas novelas que se explicariam por uma homossexualidade reprimida.

Mesmo antes de seus “ataques epilépticos” se agravarem, a consequência do assassinato do pai, Freud refere na biografia de Dostoyevski, toda uma sintomatologia dos anos precoces da infância do escritor, caracterizada pelo medo da morte, estados melancólicos repentinos e aparentemente imotivados, acompanhados de sono letárgico.

Temos todos os ingredientes, então, de uma neurose histérica grave com uma sintomatologia que acompanhava-se de consequências sérias para a vida de Dostoyevski e para aqueles com quem se relacionava. Sua mulher viveu o drama de uma compulsão do marido ao jogo que por vezes levou-os à ruína, mas, que era, justamente, a condição para que o escritor tivesse seu melhor rendimento como literato. Sendo o mesmo o que acontecia quando de sua prisão na Sibéria que, apesar de injusta, era aceita, inconscientemente é claro, por Dostoyevski, como um castigo necessário (Freud, 1928/1973). Tanto que por essa época, segundo suposição de Freud - contrariando as suposições dos biógrafos e as próprias recordações de Dostoyevski - os ataques deveriam desaparecer, já que o castigo se atualizava pela própria condição de encarcerado.

A produção literária de Dostoyevski não se viu prejudicada por tais revezes da vida, pelo contrário, alimentava-se deles. O que se expressa no fato de uma predileção por temas em que o crime e o castigo andam juntos e em que a psicologia do criminoso, aparece traduzida em suas múltiplas facetas: o delinquente egoísta, o criminoso político ou religioso e, finalmente, o parricida, criminoso propriamente humano e que marca a existência de todo sujeito (Freud, 1928/1973).

O fio que perpassa todo o drama da vida e da obra de Dostoyevski, é o sentimento de culpabilidade, expresso no conflito entre as instâncias psíquicas do eu e do supereu que, como herdeiro da identificação com o pai, mantém o eu, de forma masoquista, subjugado pela culpa e pela necessidade de castigo. Mas se a necessidade de castigo se

No entanto, gostaríamos de dar um exemplo de compreensão da questão da culpa, especialmente ao caso de Dostoyevski, a partir de uma análise feita por Lacan (1957-1958/1999) a esse respeito. No Seminário V, “As formações do inconsciente”, Lacan apresenta a estrutura do obsessivo. Elaboramos aqui a partir da crítica a um caso clínico real (1950, citado em Lacan, 1957-1958/1999) “Incidências terapêuticas na conscientização do pênis na neurose obsessiva” no qual identifica como fundamental da paciente o penisneid, ou seja, o pênis e a interpretação desse mesmo autoconceito da paciente fosse simplesmente o de ser mulher.

À parte essa simplificação, também encontramos um caso que, segundo ele, restringiu-se a uma identificação com o próprio analista ou, mais especificamente, com o falo do analista com a permissão de gozar, determinou, no melhor dos casos, a continência das obsessivas, mas sem culpa.

Queres destruir meu falo de analista, diz a paciente, minha parte, o dou a ti. Em outras palavras, o falo concebida como o fato de que o analista do qual o falo, consente com um desejo de posse fálica que se trata, e uma das provas que pode ser apontado ponto quase terminal a que parece ter sido dito que a paciente conserva todas as suas coisas pelo fato de que já não se angustia com elas. (Lacan, 1999, p. 467)

É de se compreender tal crítica, pois ela aponta para o Outro que a culpa se instala e se deleita. É para que o sujeito se instale em seu lugar e não o sujeito mantém em seu lugar o Outro. É o Outro em que se identifica imaginariamente com o de seu próprio desejo o qual se mantém no Outro. A prova disso é que os sintomas se repetem mais ainda, segundo Lacan (1957-1958/1999).

E o que ficou por se analisar, foi a dimensão simbólica representada pelo lugar que o sujeito ocupa em relação ao falo como significante do desejo. Na economia do obsessivo, o falo ocupa, inversamente, um lugar preponderante na constituição de seu desejo (Lacan, 1957-1958/1999).

Na medida em que o desejo vem do Outro, quando a mãe, por exemplo, espera encontrar no filho o falo, o que equivale a dizer que o falo vem do Outro que o deseja no filho, é na relação com esse Outro que o próprio sujeito se constitui. Vale lembrar que esse Outro como lugar da linguagem, é o lugar pelo qual deve passar necessariamente a demanda do sujeito humano (Lacan, 1957-1958/1999). Aí é que se constitui o desejo, aquela hiância entre o que se demanda e o que se visa, pois, o que se demanda através da linguagem é sempre algo que está além da linguagem, mas que somente pode ser vislumbrado por meio da própria linguagem. O Outro, então, é o lugar de onde advém o desejo, o desejo do próprio Outro é o que se visa na demanda, portanto toda demanda é demanda de amor.

A inserção do homem no desejo sexual está fadada a uma problemática especial, cujo traço primordial é que ela deve encontrar lugar em alguma coisa que a precede, que é a dialética da demanda, na medida em que a demanda sempre pede alguma coisa que é mais do que a satisfação a que ela apela, e que vai mais além disso. Daí o caráter problemático e ambíguo do lugar onde se situa o desejo. Esse lugar está sempre para além da demanda, considerando que a demanda almeja a satisfação da necessidade, e no aquém da demanda, na medida em que esta, por ser articulada em termos simbólicos, vai além de todas as satisfações para as quais apela, é demanda de amor que visa ao ser do Outro, que almeja obter do Outro uma presentificação essencial - que o Outro dê o que está além de qualquer satisfação possível, seu próprio ser, que é justamente o que é visado no amor. (Lacan, p. 418)

Poderíamos dizer que a demanda de amor é uma demanda por se ocupar o lugar do desejo do Outro, ou seja, o lugar do falo. No entanto, e isso é o que caracteriza a estrutura neurótica, há um outro falo que é desejado pelo

Outro que se constitui, a partir do Outro do Outro (a lei do pai) e que, na verdade, é apenas um vislumbre do próprio desejo.

Mas então, se é do Outro que vem a demanda do sujeito, uma demanda de amor, o Outro, significa a morte do pai.

É nisso que reside o dilema do obsessivo (Lacan, 1957-1958/1999), é numa demanda de amor a si mesma que o obsessivo encontra a manutenção de seu próprio desejo, uma ambivalência, a dúvida e toda a angústia do obsessivo.

Noutras palavras, a morte do pai, através de uma demanda de amor ao próprio sujeito. Deduz-se daí a angústia do obsessivo a manutenção do Outro, a garantia da manutenção de seu desejo, quanto forma de inserção de seu desejo como forma de suplência ao desejo materno. A mãe do obsessivo, portanto, o falo esteja do lado do pai, representa uma insatisfação (Dör, 1994).

A culpa aparece, então, como uma oscilação mesma entre ser e não ser, o desaparecimento do sujeito como uma forma de evitado por medidas restauradoras do Outro em seu devido lugar, uma defesa defensiva como a denegação.

Mas estávamos a falar de culpa, segundo Freud (1928/1972), a culpa é a mesma concepção de culpa que se desenvolve a respeito da estrutura do escritor russo?

A culpa não é privilégio do escritor, encontramos-a, como podemos ver de Freud, no histérico também, no neurótico, no psicótico.

imaginário, das medidas retaliativas do Outro, devem ser referidas a esse desaparecimento do desejo.

Ainda uma outra coisa marca a culpa do obsessivo, é que ela se estrutura fundamentalmente em torno de significantes. Seja através da blasfêmia compulsiva, ou seja através das auto-recriminações ou dos temores em fazer mal a alguém, veja-se “O Homem dos Ratos” (Freud, 1909/1972) é em torno de pensamentos que gira a culpa do obsessivo, em torno de uma cadeia significante em que, ao mesmo tempo que o Outro é atacado, ele é reafirmado como lugar do significante.

Quanto à histeria, como vemos em Dostoyevski, a culpa, estruturalmente falando, deve-se à mesma dialética entre o lugar do Outro e o lugar do sujeito. Quando o sujeito Dostoyevski - se assim podemos denominá-lo - em sua fantasia, coloca-se no lugar do Outro destruindo-o, é ele mesmo que acaba por se destruir. Mas é aqui que encontramos a diferença que marca a culpa do histérico em relação ao obsessivo. Enquanto no obsessivo predominam os pensamentos em torno dos quais o sujeito goza de forma sadomasoquista, no histérico é na angústia e no próprio corpo que se goza. Isso não quer dizer que a culpa do histérico não se articule em torno de significantes. Na histeria o corpo torna-se significante.

Através da identificação histérica, o desfalecimento do Outro reverte-se em desfalecimento do próprio corpo, ou na angústia de um desfalecimento iminente. Desfalecimento de um significante que é o próprio falo marcado por sua detumescência que equivale à castração simbólica.

É interessante notar que é especialmente após a ruína e durante a prisão, como em outros momentos castrativos de sua vida, que Dostoyevski tem seus maiores rendimentos literários.

Não é difícil ver aí o fato de que, ao liberar-se do gozo da culpa, desabrocha em Dostoyevski uma produção significante em que, o desejo corre solto na pena do escritor através de uma cadeia significante em que, como bem notou Freud, vemos a marca de um processo identificatório

vem a identificar-se numa posição feminina em relação ao pai, ou seja, em relação ao Outro/algo que não é satisfatório o suficiente para impedi-lo de voltar a ser a mãe completa e sem falha que só é mesquinha e vislumbra pela falha do pai/algoz em p...

Por outro lado, a culpa de Dostoyevski, a necessidade de auto-castigo, sublinhada por ele, é a pensar que haveria por parte do sujeito uma certa apreensão da lei, e que sua transgressão seria a que determinaria o castigo necessário.

Mas o que nos propõe Lacan é a necessidade alguma de qualquer referência ao Outro e à lei para que o homem fique literalmente castrado (Lacan, 1957-1958/1999, p. 510)

Mais adiante, Lacan (1957-1958/1999, p. 510) escreve:

... em se tratando da demanda de morte, o homem não mata, não matará que se perfila no horizonte como uma demanda. Mas o castigo não retira seu impacto da demanda, o lugar como resposta. É que, por razões estruturais, a estrutura do Outro para o homem, a demanda, é equivalente à morte da demanda. (p. 510)

Noutras palavras, diríamos que os atos de Dostoyevski, autor de “Os irmãos Karamazov”, são um exemplo do que nos diz Lacan. Quando o sujeito demanda a morte do Outro, na figura do Outro, o próprio que ele mata, confirmando assim a demanda no título da última aula do Seminário V (Lacan, 1957-1958/1999): “Tu és aquele a quem odeia”.

A outra saída para o sujeito indicadíssima por Lacan nesta direção que a análise deve levá-lo, o Outro, não é o falo e, portanto, “...aceitar tê-lo, quando não tê-lo, quando não o tem” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 499).

Essa saída, é uma outra saída que não é o preço que o sujeito paga quando não goza, mesmo que seja um gozo culpado.

O gozo, então, é o que prende o sujeito à demanda. É a demanda que o sujeito não pode não atender.

a estratégia que o sujeito adota para evitar a castração e manter o gozo, é que vai configurar seu desejo como um desejo histérico ou obsessivo, ou se esse desejo vai ser subsumido numa negação da castração, tal como acontece nas perversões, ou ainda, no caso das psicoses, se esse desejo nem chega a constituir-se por força da forclusão.

Mas isso tudo é geral, são fatos de estrutura em que o histérico deseja um desejo insatisfeito, ou o obsessivo, um desejo impossível (Lacan, 1957-1958/1999). O que realmente importa é saber como cada sujeito desenvolve sua própria estratégia, qual o seu estilo. É por isso que na clínica psicanalítica se deixa, se pede, se espera que o sujeito fale. Até porque é próprio do sujeito que ele tenha seu estilo quando fala, na transferência.

E é o estilo de Dostoyevski que nos dá alguma luz sobre como funciona a estrutura. Assim, a literatura ensina à psicanálise.

## Referências

Dör, J. (1994). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus.

Freud, S. (1973). Analisis de un caso de de las Ratas. (L. L. B. Torres, Trad.). *Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, p. 19). Nueva. (Original publicado em 1973).

Freud, S. (1973). Inhibicion, sintoma y a. J. N. Tognola (Org.), *Obras Completas* (2883). Madrid: Biblioteca Nueva.

Freud, S. (1973). Dostoyevski y el parrie. N. Tognola (Org.), *Obras Completas* (3015). Madrid: Biblioteca Nueva.

Lacan, J. (1985) *O Seminário: livro 20: Jacques Alain Miller, versão brasileira*. Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1985).

Lacan, J. (1990) *O Seminário: livro 11: Os quatro discursos*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1990).

Lacan, J. (1999) *O Seminário: livro 5: As formações do discurso*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, (Org.). Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1999).

Sobre o autor

**Sérgio Scotti** é Psicanalista, Doutor em Psicologia Clínica pela USP com a tese “A Estrutura da Histeria em Madame Bovary”. Atualmente é Professor adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

## **MESTRADO E DOUTORADO PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO**

---

2003

---

**S**e você é graduado em Psicologia, tem um bom domínio da língua inglesa e se prepara para ser um pesquisador, professor universitário, ou mesmo um profissional de alta qualificação, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul é o local que você procura. Oferece um ambiente acadêmico estimulante, onde alunos e professores convivem produtivamente, com dedicação integral ao estudo e à pesquisa. Escreva-nos pedindo mais informações.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÃO

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

**Instituto de Psicologia**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO**